



MULTILINGUISMO NOS PALOP: PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO E AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA EM GUINÉ-BISSAU

MULTILINGUALISM IN PALOP: SOCIOLINGUISTIC PROFILE AND LINGUISTIC EVALUATION IN GUINEA-BISSAU

Cássio Florêncio Rubio*

RESUMO

Nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), o português encontra-se em situação de contato com outras idiomas e, em determinados contextos, com línguas étnicas, já presentes naqueles territórios em período pré-colonial. Considerando essas situações de contato linguístico, buscamos apresentar reflexões sobre o contexto sociolinguístico de falantes multilíngues de Guiné-Bissau, associando a caracterização sociolinguística da comunidade à avaliação das línguas em contato. Como subsídio teórico principal, amparamo-nos nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1966, 2008). Os resultados empregados na discussão provêm de corpus composto de 100 inquéritos coletados entre estudantes guineenses no Brasil e em Guiné-Bissau (RUBIO; CÁ, 2019; CÁ; RUBIO, 2019). Aponta-se, na comunidade, status elevado da língua portuguesa, apesar do emprego de outras línguas locais em situações do dia a dia. Constata-se uma divisão funcional de uso das línguas entre os falantes multilíngues inseridos nesta realidade.

Palavras-chave: multilinguismo; contato linguístico; Português; Crioulo guineense; línguas étnicas.

ABSTRACT

In Portuguese-Speaking African Countries (PALOP), the Portuguese is in contact with other languages and, in certain contexts, with ethnic languages, already present in those territories in the pre-colonial period. Considering these situations of linguistic contact, we seek to present reflections on the sociolinguistic context of multilingual speakers from Guinea-Bissau, associating

* Professor Associado I do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre e doutor em estudos linguísticos pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: cassiorubio@ufscar.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6986-1381>

the sociolinguistic characterization of the community with the evaluation of the languages in contact. As the main theoretical support, we employ the assumptions of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1966, 2008). The results employed in the discussion come from a corpus composed of 100 surveys collected among Guinean students in Guinea-Bissau and Brazil (RUBIO; CÁ, 2019; CÁ; RUBIO, 2019). The results show, in the community, a high status of the Portuguese language, despite the use of other local languages in everyday situations. There is a functional division in the use of languages among multilingual speakers inserted in this reality.

Keywords: *multilingualism; linguistic contact; Portuguese; guinean creole; ethnic languages.*

INTRODUÇÃO

A realidade sociolinguística de grande parte das comunidades monolíngues falantes de português no Brasil encontra-se hoje substancialmente descrita e reconhecida, ao menos em seus aspectos gerais, embora haja ainda a necessidade de que novos estudos sejam dedicados aos aspectos e usos particulares desses grandes grupos de usuários da língua portuguesa, que ainda estão por ser revelados.

Quando voltamos nossos olhos para a realidade linguística de outros países com presença da língua portuguesa, em especial, para os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), constatamos que ainda são escassos os estudos que se dedicam à descrição das comunidades e de suas características. Poucas são as pesquisas sociolinguísticas que atestam que a realidade das comunidades daqueles países pode não ser de monolingüismo e de predomínio do português, mas sim de bilingüismo ou de multilingüismo e de predomínio de outras línguas. Em Guiné-Bissau, pequeno país da África Ocidental, apesar de a língua portuguesa constituir-se na única língua oficial e na “herança colonial” portuguesa, há uma realidade multilíngue notória, com diferentes línguas étnicas e com o guineense (também conhecido como crioulo guineense) coocorrendo junto da língua oficial.

O ainda desconhecimento (ou desconsideração) desse contexto tão evidente entre os guineenses pode ser comprovado pela não oficialização de outras línguas por parte do governo e, também, pelas pouquíssimas iniciativas de educação bilíngue ou multilíngue implementadas, onde predomina, no âmbito escolar, o ensino monolíngue do português.

Com a consideração desses apontamentos, propomos, neste texto, apresentar debate que propicie o conhecimento e o reconhecimento de realidade na qual uma língua, apesar de considerada majoritária, pode não figurar como mais empregada entre os membros da comunidade. Para além disso, a caracterização da comunidade permite reflexão para a oferta de ensino mais adequado à realidade linguística dos indivíduos e para a legitimação das línguas locais.

As reflexões reunidas aqui se originaram de observações empreendidas em contexto de internacionalização com os PALOP, no âmbito da docência e de investigação junto de estudantes africanos (principalmente da Guiné-Bissau), na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) e em escola de Ensino Secundário de Bissau, capital da Guiné-Bissau.¹

¹ Subsidiarm o texto resultados de pesquisas realizadas nos últimos 3 anos, as quais se dedicaram à investigação preliminar do perfil sociolinguístico e da avaliação linguística de guineenses (CÁ; RUBIO, 2019; RUBIO; CÁ, 2019).

A discussão que propomos, longe de apresentar-se como conclusiva, no que se refere à caracterização sociolinguística da comunidade, pretende apenas lançar mais luz sobre contexto ainda pouco explorado e instigar outros pesquisadores a se debruçarem sobre essa realidade, contribuindo para legitimação do multilinguismo em Guiné-Bissau.

O texto está organizado da seguinte forma: em primeiro lugar, apontamos as principais constatações advindas da experiência com estudantes guineenses, os quais, ensinaram as pesquisas sobre caracterização da comunidade. Na sequência, reunimos os pressupostos teóricos que amparam os estudos de viés sociolinguístico, principalmente, em contexto de contato linguístico. Posteriormente, apresentamos alguns resultados das investigações na comunidade, seguidos de nossas considerações finais.

1 REALIDADE LINGÜÍSTICA DOS PALOP E DE GUINÉ-BISSAU – CONSTATAÇÕES PRELIMINARES

Como já mencionado, as experiências linguísticas e sociais da maioria dos falantes do português brasileiro, que têm essa como única língua de interação, seja em sua variedade culta ou popular, fazem com que se crie uma falsa concepção de realidade monolíngue para todos os países de língua portuguesa e, ainda, aponte-se uma tendência a crença de que todas as ex-colônias lusitanas possuem uma configuração comum.

No meio acadêmico e científico, os estudos centrados, em maior parte, em comunidades monolíngues e nas características das variedades empregadas por essas comunidades também apontam para essa visão, mesmo entre parte dos linguistas. São escassos os trabalhos que já identificaram e catalogaram a realidade multilíngue (ou mesmo bilíngue) de países lusófonos.

No Brasil, a partir dos anos 1970 e 1980, houve a proposição e criação de bancos de dados de fala, os quais se multiplicaram, nos anos seguintes, por todas as regiões brasileiras, seguindo-se um modelo de estratificação social com base nos pressupostos da Sociolinguística, o que permitiu, além da apresentação das características sociolinguísticas de determinada comunidade, a elaboração de estudos comparativos entre variedades. Esse modelo de pesquisa se mostrou bastante eficiente e eficaz ao seu propósito, fazer conhecer as variedades do português brasileiro e apontar possíveis tendências de variação e mudança.

O percurso natural para nós pesquisadores que trabalhamos com esse arcabouço de pesquisa é de aplicar o mesmo “modelo” de investigação a outras realidades nas quais a língua portuguesa é empregada, como, por exemplo, as comunidades linguísticas dos PALOP. Assim, o sociolinguista experienciado na realidade do português brasileiro, ao travar contato inicial com esses países, tende a propor a criação de bancos de dados de português falado, com estratificação social já reconhecidamente relevante no Brasil (considerando, dentre outras variáveis, escolaridade, idade, sexo, renda etc.). Desconhece-se, entretanto, o fato de o português não ser a única língua daqueles falantes e, dentre inúmeras peculiaridades, o fato de outros fatores extralinguísticos interferirem nos possíveis processos de variação, como, por exemplo, etnia e língua materna.

É possível notar, de antemão, que um estudo sociolinguístico “clássico”, com estratificação social e seleção de informantes, considerando-se, por exemplo, os que possuem o português como primeira língua, os que adquiriram a língua até os 5 anos etc., não lograria êxito em algumas comunidades.

Os primeiros contatos com comunidades bilíngues e multilíngues revelam uma realidade bastante divergente da realidade de falantes monolíngues do português brasileiro e suscitam outras questões e inquietações, que ultrapassam a descrição das características da língua portu-

guesa falada nesses contextos. Merece investigação, além (e talvez antes) da variação no português dos PALOP, a configuração linguística daqueles países, com a revelação das características do contexto de contato e convívio entre línguas, permitindo, por exemplo, que se compreenda que, apesar de oficial, o português pode não ser a língua de maior emprego e o idioma nacional em determinada comunidade.²

Nesse âmbito, o contato com africanos advindos dos PALOP revelou, preliminarmente, uma realidade na qual o português pode ser empregado junto de outras línguas étnicas africanas e, ainda, de crioulos de base portuguesa. Associado a isso, um contexto bastante visível de contato com outras línguas transplantadas para o continente africano, como o inglês e o francês, por exemplo.

Especificamente entre os falantes guineenses, houve a constatação observacional prévia de um contexto de multilinguismo, com apontamento do predomínio do emprego do guineense entre os falantes, além da menção à presença e uso das línguas étnicas no seio familiar, relegando o português a situações sociais específicas e ao ambiente escolar.

Essa configuração, proveniente do contato com alguns representantes da comunidade, proporcionou reflexão sobre o contexto de aquisição da língua portuguesa e sobre conhecimento da caracterização linguística daquela comunidade.

O convívio com falantes guineenses também denotou que os fenômenos variáveis em língua portuguesa não eram plenamente reconhecidos na comunidade e que, para compreensão da variação linguística, havia recorrência a outras línguas, como as étnicas e o guineense. Associada a isso, a sinalização de que a variação não era norteada por diferenças geográficas e sim por diversidade étnica.

Em resumo, as informações coletadas previamente junto dos guineenses residentes no Brasil e em Guiné-Bissau denotavam, naquela comunidade: i) falantes multilíngues, em sua maioria; ii) diferença entre língua oficial e língua nacional; iii) ensino de língua portuguesa como língua materna; iv) português sendo adquirido na escola, de forma tardia; v) menção às línguas étnicas e ao guineense como empregadas no seio familiar e nas demais situações sociais informais; vi) falta de reconhecimento da variação em língua portuguesa; e vii) desconsideração das línguas locais no ambiente escolar.

Esses subsídios prévios revelaram-se mais do que suficientes para que o foco de investigação deixasse de recair nas características da língua portuguesa empregada na comunidade, e se direcionasse para a caracterização sociolinguística dos falantes, levando-se em consideração aspectos relacionados ao contato e convívio entre as diferentes línguas, entre elas o português. Outro aspecto complementar a ser investigado relacionava-se à avaliação das línguas no contexto multilíngue, levando-se em conta o recente contexto de descolonização vivenciado pelo país.

2 SUBSÍDIOS PARA A INVESTIGAÇÃO DA COMUNIDADE

A caracterização do contato entre diferentes línguas e a heterogeneidade linguística são objetos de pesquisa da Sociolinguística, que compreende a língua em constante relação com a sociedade, influenciando-a e por ela sendo influenciada (LABOV, 1966, 2008). Segundo essa corrente teórica, a investigação irá se centrar sempre na língua inserida em um contexto social,

² Ressalte-se, nesse ponto, que não estamos deslegitimando os estudos já realizados e em realização sobre variedades do português em África. Diferentemente disso, compreendemos a importância e a necessidade de agendas de pesquisa concomitantes e complementares, que se dediquem à descrição do contexto sociolinguístico das comunidades, à caracterização das variedades africanas de língua portuguesa e à catalogação e descrição das línguas locais (étnicas e crioulos).

sendo empregada por usuários reais. Há, então, nessa concepção, heterogeneidade no indivíduo e em suas comunidades.

O olhar investigativo se direciona sempre para a coletividade e diversidade de situações em que a língua é empregada e para a observação das relações e valores sociais estabelecidos nas interações verbais. A Sociolinguística se interessa pelos padrões coletivos de comportamento linguístico observados em seu contexto efetivo de uso, as comunidades linguísticas. Não há um limite bem definido entre uma comunidade e outra, pois o emprego dos mesmos elementos linguísticos ou o mesmo comportamento linguístico não as definem, mas o compartilhamento de um conjunto de usos comuns, evidenciados também pelos comportamentos avaliativos (LABOV, 2008, p. 150).

As comunidades podem não somente apresentar comportamentos heterogêneos em relação aos usos de uma mesma língua, mas também em relação ao emprego de línguas diferentes, o que se verifica, por exemplo, em contextos de línguas em contato. Essa realidade é verificada, sobremaneira, em territórios com forte diversidade étnica ou de grande fluxo migratório, como de algumas regiões do continente africano.

Lucchesi (2008) reitera que o contato linguístico é uma prática que sempre ocorreu na história das línguas humanas e resulta do estabelecimento das relações de diferentes naturezas entre os povos que possuem línguas diferentes. O contato e convívio entre línguas tem também um papel promissor na formação dos pidgins e crioulos. O autor revela que as línguas pidgins e crioulas, que se originam do contato linguístico de falantes adultos de línguas diferentes, normalmente, têm um vocabulário que provém, em seu maior número, da língua do grupo dominante no contexto de contato e uma gramática advinda de línguas do grupo dominado (LUCCHESI, 2016, p. 73).

Em África, Petter (2015, p. 195) aponta que as línguas em contato irão assumir diferentes papéis em período pós-colonial. As ações e políticas dos governos têm consequência direta na seleção e hierarquização dos usos linguísticos, com línguas tidas como majoritárias sendo mais utilizadas e valorizadas, e com línguas minoritárias apresentando emprego mais restrito ao ambiente familiar sendo desprestigiadas e até desaparecendo. A autora enfatiza que, no contexto linguístico africano, a determinação das línguas das antigas colônias como oficiais motivou-se pelo fato de elas não possuírem “laço” com determinado povo ou etnia, sendo assim, serviriam como forma de instaurar a unidade nacional e de permitir comunicação entre diferentes comunidades no país, pois as línguas locais se vinculavam sempre a uma determinada região, a serviço do grupo étnico ali predominante. Outro motivo seria que a maioria dessas línguas não dispunha de um sistema de escrita que poderia ser usado na administração e no ensino.

Nesse contexto dos países africanos, é comum surgir uma língua dominante, que apresentará “superioridade demográfica e socioeconômica de seus falantes”. Essa língua, ainda que não seja materna dos falantes, irá se constituir em língua franca, sendo empregada como segunda língua de uma parcela significativa da população (PETTER, 2015, p. 200). Há, portanto, como consequência, situações peculiares de bilinguismo ou multilinguismo, instauradas pela presença das línguas étnicas, locais, e das línguas francas. Essas situações irão apresentar uma configuração bastante heterogênea, a depender do número de línguas étnicas, da presença ou ausência de um crioulo, da inserção da língua dos ex-colonizadores e da língua dominante na comunidade.

Mackey (1972 *apud* KRUG, 2004, p. 20) defende que o bilinguismo e o multilinguismo não são conceitos absolutos, e sim relativos. Ainda para o autor, não se deve afirmar que um indivíduo é bilíngue ou multilíngue, mas sim em que medida ou sentido ele é bilíngue ou multilíngue. Cabe, considerando-se essa perspectiva, investigar: Quantas línguas estão relacionadas? Que tipo de língua é empregada e em que situações? Que influências uma língua exerce sobre a(s) outra(s)? Que possíveis oscilações pode haver quanto ao emprego das línguas na vida da pessoa? Qual a

ordem de aquisição? Quais as funções sociais desses usos de acordo com os usuários e com as situações reais? Em resumo, segundo o autor, é essencial, na descrição do contato entre línguas, considerar que este irá variar de indivíduo para indivíduo, a depender de fatores como grau, função, alternância e interferência.

Krug (2004) revela a importância de se descrever, nessas situações, as capacidades de escrita e fala, além da proficiência em relação aos níveis constitutivos das línguas em contato. Quanto à função, é relevante verificar a externa, observando-se as zonas de contato entre línguas, e as funções internas, com empregos vinculados ao falante, em situações de uso, ou seja, que diferentes papéis cada língua exerce no dia a dia. Na análise da alternância, analisar o quanto as línguas são empregadas em diferentes funções de interação. Na observação da interferência, é relevante considerar elementos de uma língua que estão, de alguma forma, presentes na outra.

Aguilera e Busse (2008, p. 13) defendem que, em uma situação de bilinguismo, não são apenas as línguas que estão em contato, mas também culturas, que passam a ocupar o mesmo espaço. Além disso, apresentam-se modos diferentes de “pensar e organizar a realidade”, que são revelados nos processos de interação. O falante bilíngue emprega duas línguas de acordo com a situação comunicativa, com os interlocutores e com seus objetivos, de forma seletiva, coletiva ou simultânea.

As configurações verificadas no convívio do português com línguas minoritárias e de minorias étnicas assumem condição dinâmica e gradativa nas situações de interação social. O dinamismo gera ainda o biculturalismo ou multiculturalismo, pois há a necessidade do indivíduo de se relacionar e se identificar com os grupos linguísticos em contato e há, conseqüentemente, a possibilidade de que esse indivíduo constitua uma identidade com traços de várias culturas (AGUILERA; BUSSE, 2008).

Moreno Fernandes (1998 *apud* AGUILERA; BUSSE, 2008) revela que o falante, em situação de contato, faz operações com instruções de comunicação nas diferentes línguas, o que exige o planejamento de ações relacionado à situação comunicativa. Esse domínio e planejamento será desenvolvido desde os primeiros instantes de convívio do usuário com as línguas, ou seja, já na fase de aquisição da linguagem. A análise dos contextos de bilinguismo e multilinguismo deve considerar diferentes aspectos, como a comunidade de fala, os papéis e funções sociais, o *status* dos falantes e das línguas e o tópico e o domínio linguístico e social, como destacam Aguilera e Busse (2008).

Considerando-se os pressupostos apresentados e a realidade linguística guineense, preliminarmente revelada pelo contato com representantes da comunidade, apresentamos, na sequência, resultados de investigação sobre a caracterização sociolinguística de amostra com falantes guineenses e, complementarmente, resultados de estudo de avaliação linguística da comunidade.

3 BREVE CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE E DAS PESQUISAS RETOMADAS

A Guiné-Bissau, país da África Ocidental, com população atual estimada em aproximadamente 1,9 milhões de pessoas e território de pouco mais de 36 mil quilômetros quadrados, faz fronteira com o Senegal, ao norte, Guiné, ao sul e ao leste, e Oceano Atlântico, ao oeste. Embora o território guineense seja menor do que a grande maioria dos estados brasileiros, há, no país, grande diversidade étnica, com estimativa entre 27 e 40 grupos (a depender da divisão proposta, em grupos ou subgrupos).³ Além do português, a língua oficial, são empregadas outras 20 línguas

³ Guiné-Bissau tem território maior apenas do que dois estados brasileiros, Alagoas (27,8 km²) e Sergipe (21,9 km²).

entre os habitantes locais. As estimativas, bastante esparsas, dão conta de que 80% da população emprega o guineense, 16%, o fula, 14%, o balanta, 7%, o mandinga (ou mandinka), 5%, o pepel, e 3%, o felupe (há percentuais menores de falantes do beafada, bijagó, mancanha e nalu).^{4,5}

Os resultados que serão retomados em nosso debate resultam de duas investigações diferentes, a primeira, com 50 informantes guineenses do Ensino Básico, residentes em Guiné-Bissau (RUBIO; CÁ, 2019), e a segunda, com 50 informantes guineenses universitários, na época, residentes no Brasil (CÁ; RUBIO, 2019). A faixa etária dos estudantes do Ensino Básico entrevistados variava entre 16 e 39 anos, sendo 27 homens e 23 mulheres. Entre os estudantes universitários, havia equilíbrio entre homens e mulheres (25 de cada sexo), com idades variando entre 18 e 30 anos.⁶ Nas duas investigações, houve a submissão de questionários estruturados, entretanto uma delas abarcou questões relacionadas ao perfil sociolinguístico dos falantes, e a outra analisou a avaliação linguística dos entrevistados em relação às variedades do português e às línguas locais (étnicas e guineense).

4 PRINCIPAIS RESULTADOS DAS AMOSTRAS DA COMUNIDADE GUINEENSE

Retomamos, neste tópico, os principais resultados revelados nas pesquisas de Cá e Rubio (2019) e de Rubio e Cá (2019), com o objetivo de subsidiar o debate sobre a caracterização sociolinguística da comunidade guineense, estabelecendo comparativo com as hipóteses e as constatações observacionais mencionadas anteriormente.

Os resultados de Cá e Rubio (2019), como vemos a seguir, confirmaram a hipótese de que, apesar de língua oficial, o português não é a primeira língua adquirida pelos guineenses. Entre os universitários entrevistados, conforme revela o Gráfico 1, nenhum apontou a língua portuguesa como primeira língua e, além disso, houve equilíbrio relativo entre os que informaram ser o guineense (crioulo guineense) a primeira língua adquirida (46%) e os que informaram ser uma língua étnica (52%).

Em consonância com a expectativa, os resultados também evidenciaram que, para a grande maioria dos guineenses, a língua portuguesa não é adquirida no ambiente familiar, como vemos no Gráfico 2, que segue.

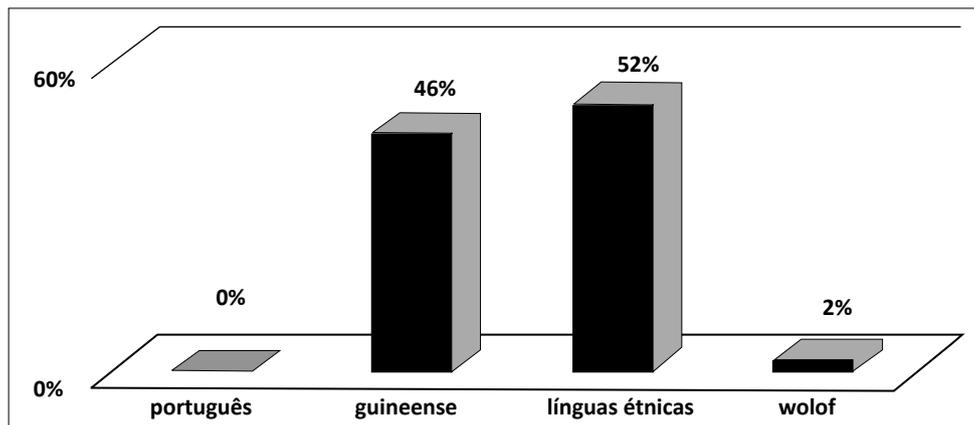
Dos 50 informantes inquiridos, 98% (49) responderam que o processo de aquisição da língua portuguesa se deu na escola e não em casa. Esses resultados, associados aos resultados seguintes, que tratam da idade aproximada de aquisição do português, confirmam o que já havia sido mencionado preliminarmente por representantes da comunidade guineense, qual seja uma aquisição tardia da língua (pelos resultados, predominantemente, entre os 6 e 14 anos de idade).

⁴ O último censo demográfico, realizado em 2014, apontava uma população de 1,45 milhões de habitantes. A estimativa atual tem como base o site countrysimeters.info/pt/Guinea-Bissau. Acesso em: 2 mar. 2021.

⁵ Fonte das informações – site oficial do Governo Guineense: https://web.archive.org/web/20160817010334/http://www.gov.gw/index.php?option=com_content&view=article&id=393&Itemid=1804&lang=pt. Acesso em: 6 de set. 2020.

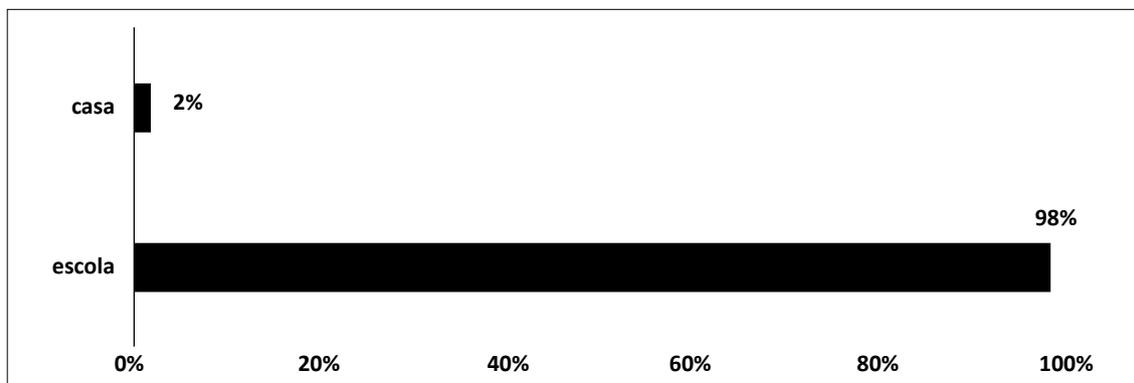
⁶ As entrevistas com estudantes do Ensino Básico foram realizadas no Liceu Nacional Kwame Nkrumah, uma instituição pública de Bissau, capital da Guiné-Bissau. A coleta com estudantes universitários foi realizada com guineenses da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, localizada no interior do Ceará.

Gráfico 1 – Primeira língua adquirida pelo informante



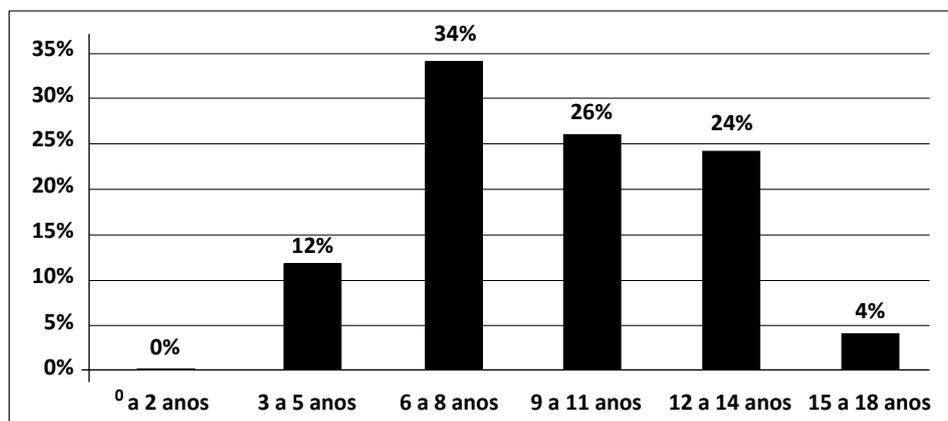
Fonte: Cá e Rubio (2019, p. 407).

Gráfico 2 – Local de aquisição da língua portuguesa



Fonte: Cá e Rubio (2019, p. 407).

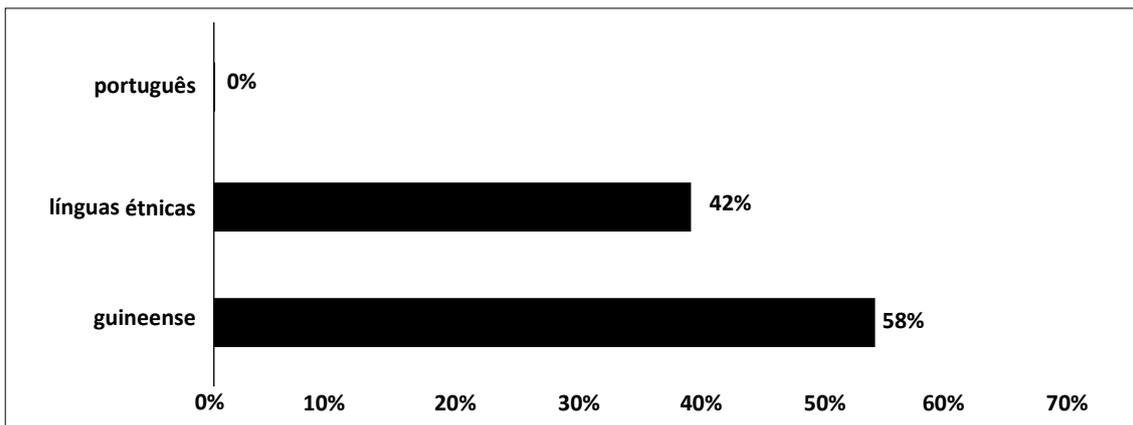
Gráfico 3 – Idade de aquisição da língua portuguesa



Fonte: Cá e Rubio (2019, p. 408).

A confirmação de que a língua portuguesa, para os guineenses, é adquirida no ambiente escolar e, predominantemente, após os 6 anos de idade, associada à informação de que as línguas étnicas ou o guineense constituem-se nas primeiras línguas dos informantes, só reforça que o português não é empregado no ambiente familiar.

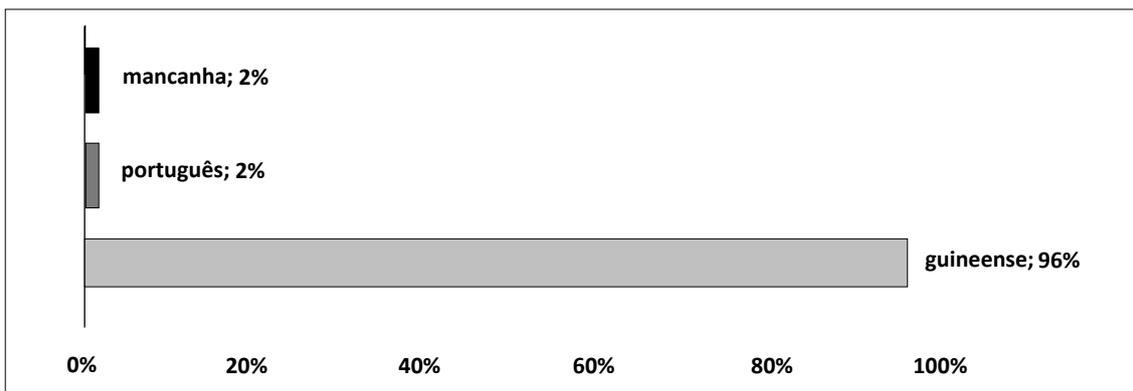
Gráfico 4 – Língua de maior emprego no seio familiar



Fonte: Cá e Rubio (2019, p. 408).

As informações coletadas previamente junto dos estudantes guineenses já delineavam o contexto de emprego do guineense fora do seio familiar, em situações do dia a dia, sendo considerada a língua de unidade nacional no país. Essa hipótese foi totalmente confirmada pelos resultados de Cá e Rubio (2019), que inclusive desnudaram a diferença entre os usos linguísticos dentro e fora do ambiente familiar.

Gráfico 5 – Língua empregada com maior frequência fora de casa



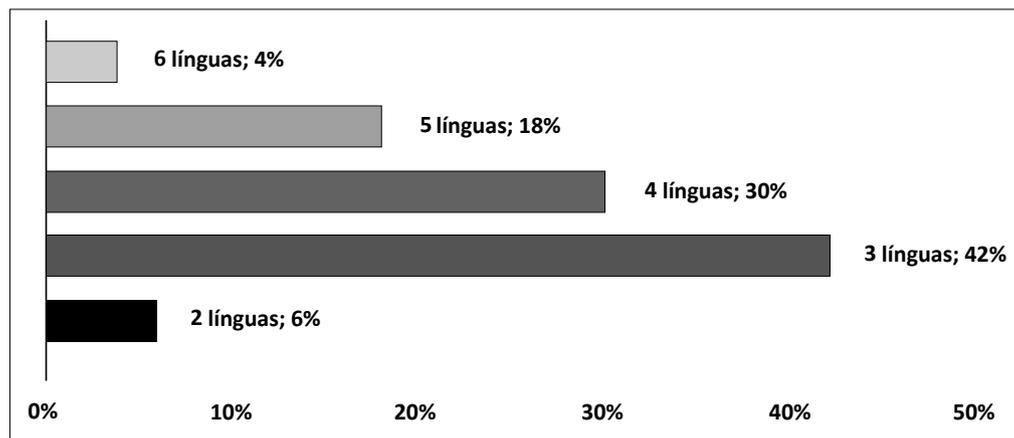
Fonte: Cá e Rubio (2019, p. 409).

Junto da família, mais de 40% dos estudantes revelaram o emprego de uma língua étnica, entretanto, fora de casa, o guineense foi apontado como o idioma predominante.

O multilinguismo previamente reconhecido em Guiné-Bissau foi confirmado e os resultados mostraram ainda uma realidade bastante diferente da brasileira, haja vista nenhum dos 50 informantes ter se revelado monolíngue. Predominaram, na amostra da pesquisa, falantes de 3, 4 e até 5 línguas, como podemos observar a seguir.

A comprovação estatística de uma caracterização multilíngue em Guiné-Bissau, com um contexto no qual o português não é primeira língua dos informantes e, ainda, de aquisição dessa língua tardiamente, predominantemente, após os seis anos de idade, apenas em contexto formal (em ambiente escolar), corrobora nossas hipóteses observacionais, sobre uma possível incongruência entre a realidade da comunidade e as políticas linguísticas governamentais, em especial, relacionadas ao ensino de línguas e ao reconhecimento das línguas locais.

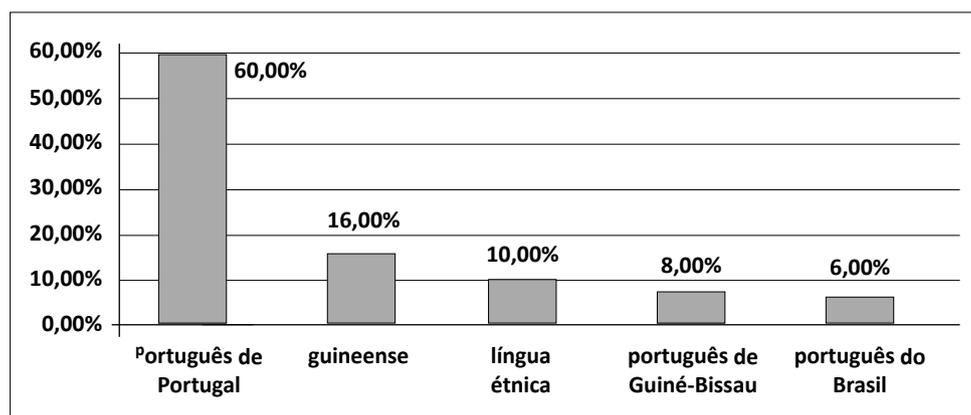
Gráfico 6 – Número de línguas empregadas pelo informante



Fonte: Cá e Rubio (2019, p. 409).

Os resultados de estudo avaliativo de Rubio e Cá (2019), apresentados na sequência, confirmam os diferentes *status* assumidos pelas línguas em contato em território guineense. Quando perguntados sobre qual língua seria mais relevante ou importante empregar em seu país, os estudantes guineenses do Ensino Básico apontaram, em sua maioria (75%), o português, como vemos no Gráfico 7.

Gráfico 7 – Língua ou variedade importante no país, segundo os informantes

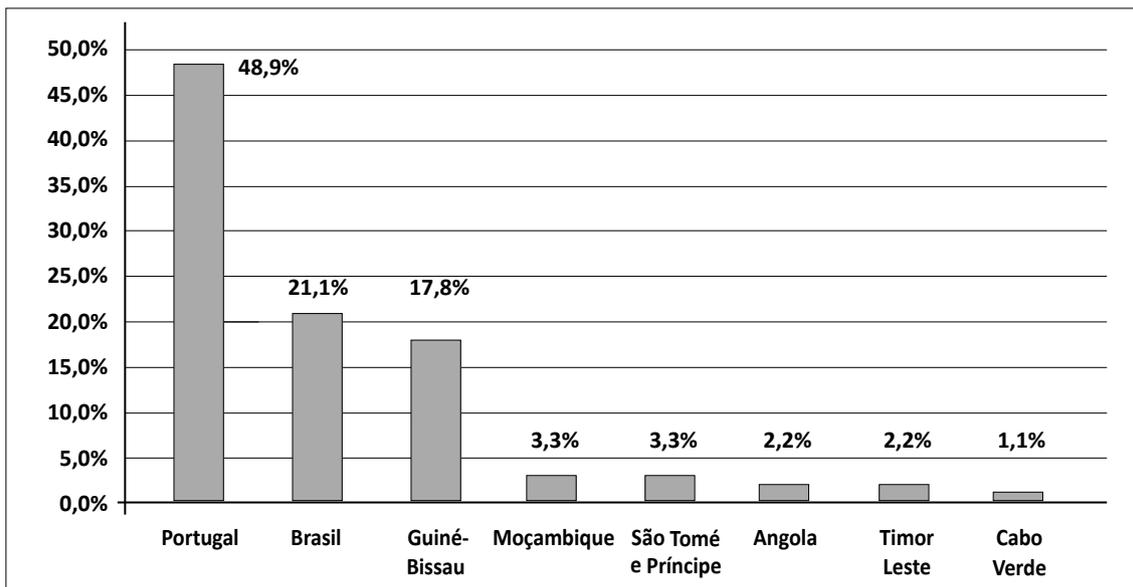


Fonte: Rubio e Cá (2019, p. 164).

Notemos ainda que houve a seleção da variedade julgada como mais importante ou relevante, o português de Portugal, uma variedade que não está presente de forma efetiva no país. Esses resultados exibem uma relação complexa da comunidade com suas línguas, já que, apesar de o guineense e as línguas étnicas serem mais empregadas e predominarem nas interações, como apontou o estudo de caracterização sociolinguística, não são prestigiadas.

Há, ainda, entre os guineenses, uma visão avaliativa das variedades, em nossa visão, calcada em diferentes aspectos, dentre eles, provavelmente, no econômico e no “purismo” da língua, que faz com que se considerem as variedades de Portugal e do Brasil “melhores” do que a variedade do próprio país. A confirmação de que avaliação pode estar ligada a esses aspectos pode ser ainda feita com base no apontamento, por parte dos informantes, de que as demais variedades (Moçambique, São Tomé e Príncipe, Angola, Timor Leste, Cabo Verde) não teriam mesmo *status* das variedades brasileira e portuguesa.

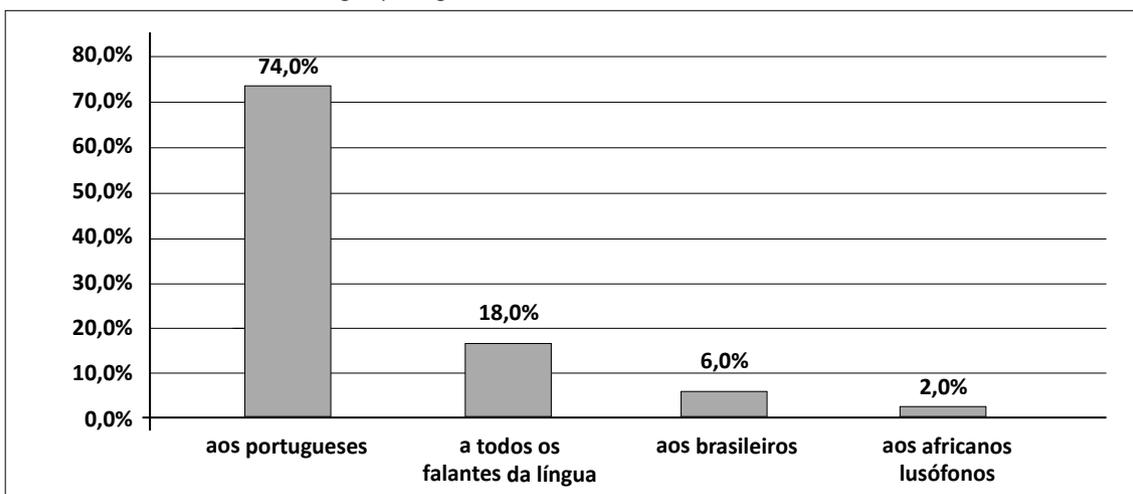
Gráfico 8 – Variedade de português considerada a “melhor” pelos informantes



Fonte: Rubio e Cá (2019, p. 167).

Os resultados da pesquisa de Rubio e Cá (2019) desvelaram uma visão partilhada por boa parte dos entrevistados que aponta que a língua portuguesa é vista como não pertencente à comunidade, uma caracterização já previsível, a considerar o perfil sociolinguístico dos guineenses, revelado anteriormente. O Gráfico 9, com a apresentação de resultados sobre pergunta que tratava do “pertencimento” da língua portuguesa, indicam que 74% dos estudantes entendem que a língua pertence aos portugueses.

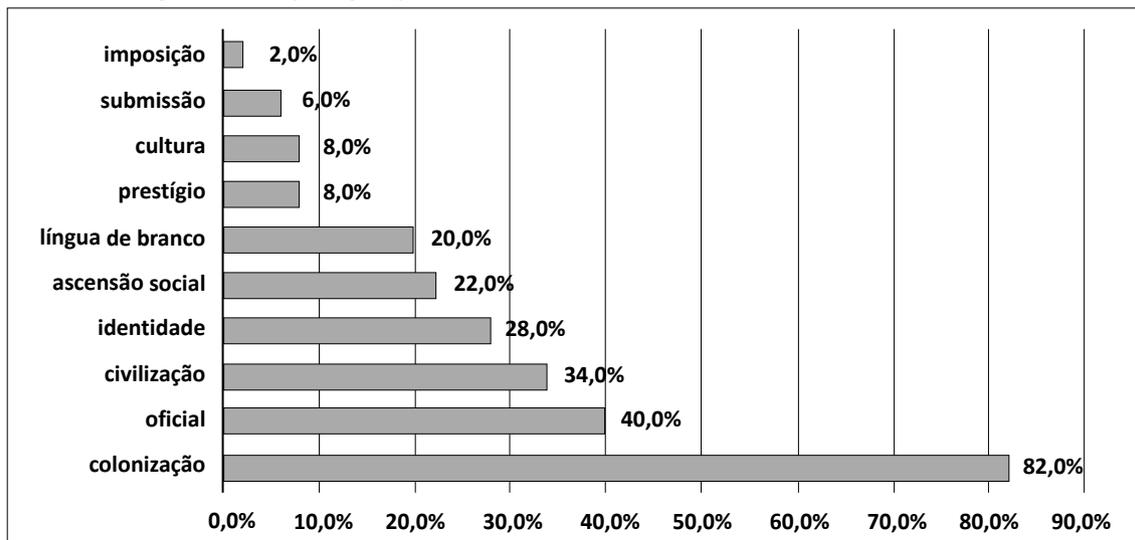
Gráfico 9 – “Pertencimento” da língua portuguesa



Fonte: Rubio e Cá (2019, p. 175).

As evidências presentes nos estudos demonstram uma relação complexa da comunidade com a língua portuguesa, a qual, ao mesmo tempo, não é de emprego nem domínio amplo dos usuários, mas goza de *status* elevado. Essa avaliação se revela ainda mais ambivalente, quando confrontadas as necessidades externas e internas de interação da comunidade. No gráfico que segue, vemos os diferentes “significados” atribuídos à língua portuguesa pelos guineenses entrevistados.

Gráfico 10 – “Significado” do português para os informantes



Fonte: Rubio e Cá (2019, p. 176).

Dentre os termos mencionados, alguns denotam avaliação negativa, como colonização (80%), língua de branco (20%), submissão (6%) e imposição (2%), outros, avaliação positiva, como civilização (34%), identidade (28%), ascensão social (22%), prestígio (8%) e cultura (8%), e avaliação próxima da neutralidade, como oficial (40%).

De posse dos resultados sobre a caracterização sociolinguística e dos resultados sobre a avaliação linguística dos estudantes guineenses, com a retomada das afirmações de Petter (2015), que dão conta de contextos sociolinguísticos em África, com línguas exercendo diferentes papéis, passamos, na sequência, à elaboração de um panorama geral do multilinguismo vivenciado em Guiné-Bissau.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade em Guiné-Bissau é do convívio de mais de 20 diferentes línguas, com o emprego expressivo do guineense (crioulo de base portuguesa) e do português na comunidade, em uma divisão funcional de uso. Além disso, há a presença das diferentes línguas étnicas, as quais ainda permanecem presentes nas interações intraétnicas.

O guineense é a língua dominante nas situações de interação oral no país, ou seja, é a língua nacional, apresentando-se como primeira língua da maioria dos falantes e como língua franca, principalmente nas comunicações interétnicas. É também a segunda língua de falantes que adquirem as línguas étnicas como primeiras línguas.

O português, língua oficial da Guiné-Bissau, não se apresenta como primeira língua dos guineenses, entretanto é adquirido em ambiente escolar, como segunda língua. Não é a língua do dia a dia ou das interações orais, mas é a mais empregada na comunicação escrita e oficial.

As línguas étnicas, presentes em território guineense, possuem apenas emprego vinculado às etnias e ainda figuram como primeiras línguas. Por se apresentarem em número elevado e com poucos falantes, se comparadas às outras, são estigmatizadas.

Há, no país, diferentes razões para a imposição do guineense e do português junto das línguas étnicas. No caso do português, o prestígio se dá no plano internacional, principalmente, pelas

características socioeconômicas superiores de seus falantes. A língua guineense tem seu prestígio local assegurado pela superioridade demográfica em relação às outras línguas (PETTER, 2015).

A avaliação linguística pode revelar, para além da configuração sociolinguística da comunidade guineense, as razões para permanência desse contexto ou para a ocorrência de possíveis mudanças.

O prestígio atribuído à língua portuguesa por parte dos guineenses poderia sugerir, a longo prazo, o crescente emprego da língua e, por consequência, a redução de uso e, até mesmo, a extinção das outras línguas. Há, todavia, como vimos, fatores que interferem na expansão dessa língua, questões de natureza identitária, de pertencimento, que apontam uma visão dúbia da língua “imposta” pela ex-colônia aos habitantes locais.

O prestígio local e nacional do guineense, por outro lado, também é contraposto ao prestígio internacional do português e a sua tradição escrita secular, ocasionando, em nosso entendimento, um equilíbrio de forças, somente quebrado por meio de políticas linguísticas governamentais.

Em posição diferente a das línguas guineense e portuguesa, as línguas étnicas encontram-se cada vez mais “acantoadas”, vendo-se reduzidas apenas às interações locais e tendo sua importância, funcionalidade e legitimidade contestadas em razão de sua inferioridade demográfica e socioeconômica.

Políticas linguísticas que considerem a diversidade linguística guineense poderiam contribuir substancialmente para que o país continue a ser multilíngue e, por consequência, multicultural.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. de A.; BUSSE, S. Contato linguístico e bilinguismo: algumas reflexões para o estudo do fenômeno da variação linguística. *Línguas & Letras*, v. 9, n. 16, p. 11-25, 2018. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/1704>. Acesso em: 12 jan. 2020.

CÁ, I. N.; RUBIO, C. F. O perfil dos estudantes e a realidade do ensino de língua portuguesa em Guiné-Bissau. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 58, n. 1, p. 389-421, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8654232>. Acesso em: 23 fev. 2020.

KRUG, M. J. *Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de Imigrante – RS*. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

LABOV, W. *The social stratification of english in New York city*. Washington, D.C., Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCCHESI, D. *Africanos, crioulo e a língua portuguesa*. 2008. Disponível em: <http://www.coresmarcasefalas.pro.br/adm/anexos/10122008232732.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2018.

LUCCHESI, D. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2016.

PETTER, M. *Introdução à Linguística Africana*. São Paulo: Contexto, 2015.

RUBIO, C. F.; CÁ, J. F. Avaliação do português e das demais línguas de Guiné-Bissau por estudantes guineenses do ensino secundário. *Caderno de Letras*, n. 33, p. 147-182, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/15053>. Acesso em: 22 jan. 2020.